

Patrimônio cultural: marcas de memórias evidenciadas junto ao espaço citadino chapecoense

André Luis Bassani, Adriana De Toni***

Resumo

As reflexões acerca do Patrimônio Cultural da cidade de Chapecó surgiram a partir do projeto CRIARTE - Profissionalização do Artesanato em Chapecó (SC), executado pela ITCP-UNOCHAPECÓ¹ e patrocinado pelo Programa Petrobrás Fome Zero². A intencionalidade de gerar renda através do trabalho com artesanato revelou a necessidade de estudar a cultura local que, ao mostrar-se tão diversa, retratou um mosaico composto por diversos grupos étnicos que lutam para manter vivas construções históricas tantas vezes esquecidas.

Palavras-chave: patrimônio cultural, grupos étnicos, artesanato.

Reflexões introdutórias

Outrora estava a dialogar e a observar uma avó, sentada em uma cadeira na varanda de sua casa, trançando palhas de trigo para a produção de chapéus. Este saber tradicional praticado por ela fora herdada de sua mãe que também transformava a palha de trigo em tranças para produzir chapéus para o uso cotidiano familiar.

O ato ritual de minha avó provocou-me inúmeras inquietações, principalmente em relação à preservação desta tradição por ela mantida, pois se constitui numa prática repassada ao longo do tempo através das relações familiares. Fruto da observação, as indagações causaram-me certo incômodo e, ao mesmo tempo, preocupação, por tratar-se de um saber que provavelmente irá perder-se e ficar apenas na memória, enriquecida de lembranças dos “chapéus de palha” que minha avó produzia.

Passei a perceber o quão pouco se preservam inúmeros saberes populares que permeiam nosso cotidiano e que muitas vezes não são por nós valorizados, sendo até mesmo menosprezados.

A partir destas reflexões, o presente artigo, elaborado através de estudos bibliográficos, visitas feitas em espaços em que são cultivados hábitos e tradições, participações em apresentações artísticas e, principalmente, através de entrevistas feitas com representantes de grupos étnicos tradicionalistas, tem por objetivo apresentar elementos sobre o patrimônio cultural que compõe o cenário social da cidade de Chapecó. Na descrição de práticas culturais desenvolvidas por diferentes grupos étnicos - italianos, alemães, poloneses, caboclos e indígenas - pretendo identificar valores, costumes e tradições que evidenciam a construção de identidades e alteridades, bem como, a legitimidade de práticas culturais de pertencimento a determinado grupo social.

Patrimônio Cultural e Modernidade

Vivemos numa sociedade caracterizada pelo viés da modernidade³. O novo sobrepõe-se ao antigo; o gosto, a forma, a estrutura urbana configuram-se através de um olhar direcionado ao desenvolvimento, predominando a preferência aos valores contemporâneos.

Hábitos sociais e práticas culturais sofrem inúmeras transformações, próprias do desenvolvimento e da evolução humana. Neste processo de mutação, na qual cidades são travestidas de renovação urbana, alteram-se significativamente a estética social e o comportamento dos indivíduos, construindo-se diferentes espaços de sociabilidade, a partir da construção de novos valores.

Dentre as inúmeras transformações provocadas por este processo, há os sentidos atribuídos ao patrimônio cultural, como retratos do cotidiano, construídos pelas diferentes práticas sociais e culturais vivenciadas por pessoas que se relacionam. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o patrimônio cultural é:

[...] a soma dos bens culturais de um povo, sendo o patrimônio cultural que irá conferir identidade e orientação, pressupostos básicos para que se reconheça como comunidade, inspirando valores. Os sentidos que o patrimônio evoca são, transcendentais, ao mesmo tempo em que a materialidade povoa o cotidiano e referência fortemente à vida das pessoas [...] (CHOAY, 2001, p.54).

O artigo 216 da Constituição Federal de 1988 define que o patrimônio cultural brasileiro compreende bens materiais e imateriais, de forma individual ou conjunta, que representam identidade, ação, memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. São considerados bens materiais e imateriais

[...] as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados

às manifestações artístico- culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, ecológico e científico (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988).

Assim, compreender o significado de patrimônio cultural exige exceder limites, superando a idéia de que se trata apenas de bens móveis ou imóveis. Para tanto, se faz necessário romper fronteiras da materialidade, apenas ligada às representações configuradas em “pedra e cal”, segundo expressão utilizada por Maria Cecília Londres Fonseca (2003). Neste sentido, o patrimônio cultural de um povo vai além dos objetos palpáveis, compreendendo um universo onde se juntam, num leque de representações, a materialidade dos bens materiais e as imaterialidades que compõem as relações e vivências cotidianas. Para a autora, o patrimônio cultural “para além da pedra e cal”, amplia a discussão acerca da imagem predominante sobre o patrimônio cultural configurado à materialidade, incorporando expressões imateriais dos bens culturais.

Tal interpretação leva-nos a pensar nos *bens intangíveis* - compreendidos como o conjunto de representações culturais configurados por um viés da imaterialidade - pertencentes a um povo, expressos numa significativa diversidade cultural: os rituais, as orações, as danças, a musicalidade, o saber popular, a forma de fazer culinária. Estes elementos, identificadores de determinada cultura, evocam identidades e alteridades dos grupos étnicos que constituem determinado espaço social. Não são apenas bens materiais e culturais, pois guardam também imaterialidade, seja no estilo, no processo construtivo ou nos acontecimentos históricos que os constituíram.

Para Magaldi (1991, p.21) “[...] a cidade guarda em si as cicatrizes de vários momentos diferentes de lutas, as teimosas marcas de uma memória inscrita nas pedras do calçamento, os rastros de um passado que permanentemente se tenta ocultar ou maquiuar”. Assim, nas reflexões sobre o patrimônio cultural, devem ser

contempladas diferentes marcas e lembranças, construídas através dos tempos, pelos atores que compuseram e ainda compõem o espaço citadino.

No caso do patrimônio cultural de Chapecó, retratá-lo-emos a partir de alguns bens *materiais e imateriais*, possuidores de sentidos que evocam memórias e histórias, construídas pelos principais grupos sociais e étnicos - de origem indígena, cabocla, italiana, alemã e polonesa - que no decorrer do tempo, deixam as próprias marcas. Para compreender o contexto da análise, ao longo do texto destacarei que a cidade de Chapecó (e região) é possuidora de uma diversidade étnica, cuja cultura mostra-se enriquecida por diversidades, analogias e alteridades. Tal composição e diversidade cultural são percebidas, de certa forma, quando despertamos nosso olhar para os “passantes” urbanos, pois nas ruas misturam-se diferentes etnias e valores, às vezes camuflados, mas sempre existentes.

A praça central da cidade transforma-se num grande panteão de ritos culturais, seja quando indígenas comercializam suas produções de adornos e cestarias, ou quando mulheres expõem seus saberes em forma de produção material: o crochê, o tricô, a pintura, e outros tantos trabalhos manuais. Em certos momentos, a diversidade também é composta pelas danças que identificam determinado grupo étnico, pelas obras de arte materializadas em quadros e esculturas, ou pelas rodas de pessoas que compartilham idéias e saberes. São tantos os atos que representam a diversidade cultural e que justificam a transcendência da materialidade do Patrimônio Cultural existente no espaço citadino, que boa parte deles passam despercebidos, ou são tão pouco reconhecidos e valorizados, nas turbulências contemporâneas.

Ao contemplar a descrição de algumas práticas culturais destes grupos étnicos, não pretendemos, neste artigo, priorizar a materialidade contida em monumentos arquitetônicos representativos, praças ou lugares de memórias (como museus, bibliotecas e arquivos), mas práticas sociais que contêm

principalmente elementos imateriais, tais como: danças, vestimentas, culinária, música, valores e os diferentes rituais culturais. Pois, embora as representações materiais do patrimônio cultural sejam evidenciadas de forma mais intensa e o olhar analítico das pessoas fique preso a tais representações, é importante despertarmos nossa sensibilidade para a identificação de traços imateriais, que em muito refrescam a nossa memória e expressam a nossa história, como veremos a seguir.

A Região Oeste Catarinense: suas ocupações e marcas

No início do século XX, na região Oeste de Santa Catarina, a ocupação das terras foi marcada por processos de colonização em que predominaram migrações de italianos e alemães, oriundos do estado vizinho (Rio Grande do Sul). As incursões deflagraram intensos períodos de mudanças, tanto político-econômicas como culturais, gerando conflitos com diferentes grupos de caboclos e índios que estas terras já habitavam. Estes grupos sociais, segundo Renk (1997, p.23), eram possuidores, “[...] de um modo de vida rudimentar, subsistindo basicamente do extrativismo da erva-mate, madeira e outras pequenas culturas...”, vivendo de maneira distintas daqueles que aqui chegavam.

Houve, então, um significativo encontro de culturas, gerando novas relações interétnicas, promovidas entre diferentes grupos e pessoas. As mudanças geradas durante a colonização promoveram empréstimos culturais, hábitos e valores, constituindo momentos da história local desencadeadores do “nascimento” de uma diversidade cultural que permeia a cidade na atualidade.

Por sua vez, o processo de colonização, alimentado pelo desejo do lucro e acúmulo de riquezas, materializou-se pela apropriação de terras e pela reconstrução de uma estrutura física capaz de proporcionar melhoria na vida dos grupos que aqui chegaram, diferentemente do modo de viver dos que aqui já estavam. Deste modo, os diferentes valores aqui sincretizados, desencadearam não

apenas o surgimento de algumas práticas culturais, mas também o abandono de outras que já não mais atendiam as novas necessidades, transformando o modo de vida de todos. Foi então que a “mistura” dos diferentes modos de ser e de viver das pessoas que foram se instalando, gerou um novo cenário regional, que embora rico na sua diversidade, foi sendo moldado de acordo com os interesses de cada grupo.

Se por um lado o processo de ocupação, permeado por contatos e relações interétnicas, ocasionou uma diversidade cultural - de saberes, crenças, valores, modos de vida e de diferentes práticas com relação ao “saber fazer” - ao mesmo tempo, na pluralidade, evidenciou-se a singularidade própria de cada sujeito ou grupo. Seja no “saber fazer” de um pilão, das cestarias, dos instrumentos confeccionados para o uso cotidiano familiar, ou da ritualização contida no preparo da comida típica. Criou-se um movimento de difusão de hábitos culturais, revelador de relações e imagens construídas no decorrer dos tempos.

Marcas européias: expressões culturais italo-germânicas e polonesas

Os processos migratórios, seja qual for o espaço ou período de tempo, alteram as imagens representativas, tanto no espaço do campo como “da cidade”, redefinindo áreas de acomodação. Desencadeiam novos modos de vida, geradores de conflitos ou não, contemplando diferenças e semelhanças. Expressam determinadas circunstâncias históricas vivenciadas pelos homens, revelando movimentos que transformam as sociedades.

[...] No século passado, devido aos problemas políticos, à pressão econômica e social, à carestia, (...) aparecem no cenário mundial correntes imigratórias que da Europa se dirigiram para as novas áreas, tais como a América do Sul, que necessitavam de mão-de-obra e que ofereciam esperanças de vida mais fácil e melhor aos imigrantes [...] (PIAZZA,1976, p.41).

A partir deste contexto, despertou a atenção ao processo de imigração de grupos de italianos, alemães e poloneses no Brasil, em especial na Região Sul, onde se localiza o Oeste Catarinense. Foi a busca por uma melhor qualidade de vida, a fuga dos conflitos, o desejo do sucesso proporcionado pelo labor a fim de satisfazer necessidades, que impulsionaram levas de imigrantes para o Brasil. O Rio Grande do Sul foi um dos pontos de desembarque de quem trazia, além das “bagagens”, sonhos e esperança, somados aos temores e à saudade.

Com o passar do tempo, a busca por novos espaços geográficos que viabilizassem especialmente as práticas agrícolas como garantia de sobrevivência, fez com que famílias do Rio Grande do Sul rompessem fronteiras, originando comunidades ou se instalando em novas cidades, como é o caso de Chapecó.

Um olhar voltado ao passado nos faz perceber que foram muitas as marcas deixadas, hoje representadas nas lembranças retratadas nas histórias que são contadas, revelando grandes momentos de dificuldades e raros momentos de lazer. São tantas lembranças ao mesmo tempo, que um “baú de imagens”, representativo das diferentes práticas culturais, enriquece a minha imaginação quando ouço alguns migrantes contarem como teceram a própria história. História feita de “flores e espinhos”, que deixou marcas na cidade, materializadas em momentos de trabalho ou de lazer.

Nós temos as peças que passaram pela mão das primeiras pessoas que moraram aqui na Colônia Cella. A maioria das peças eram utilitários usados na época para a lida e no dia-dia de algumas pessoas. A maioria [...] foram produzidas por pessoas daqui, outras foram trazidas por migrantes do Rio Grande do Sul. Temos também cestos de vime que até hoje são usados na colheita da uva. [Morador da Colônia Cella⁴ e membro de um grupo de tradições italianas 1].

A partir do depoimento, identificamos que as representações materiais integram processos de construção de trajetórias, evidenciando utilitários que pertenciam ao uso cotidiano. É um

passado que se pulveriza em lembranças e que pode ser vislumbrado quando, ao olhar para tais peças, “enxergamos” as pessoas transformando o tempo e mudando o espaço em que habitam para construir novas trajetórias.

Para Benjamim (1996, p. 41), “[...] articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja em um momento de perigo. [...]”. Assim, as marcas deixadas no tempo vão sendo tenuamente reelaboradas, revelando diferentes relações sociais que se constroem entre estes grupos de migrantes, redesenhando imagens representativas e signos que representam novos hábitos e culturas.

O passado vivido pelos imigrantes/migrantes é relampejado e reconfigurado para que, no momento presente, se possa ter uma imagem não eterna e estática, mas que expresse vivências e representações culturais de espaços de sociabilidade que constroem a história. Neste contexto, se expressa a cultura italiana na região, através das festas e cantorias:

Temos a festa da Colonização Italiana. Esta festa é itinerante, um ano acontece na Colônia Cella, outro na Colônia Bacia, Linha Sede Figueira e Linha Batisttelo⁵. A festa acontece no dia 8 de julho de cada ano, quando são trazidos grupos de canto italiano e grupos da etnia italiana de outras cidades, aqui da região Oeste do Estado. [Morador da Colônia Cella e membro de um grupo de tradições italianas]

As festas têm como objetivo legitimar a identidade de descendentes de italianos, dando visibilidade às tradições e oportunidade à população local de participar de confraternizações. Nestes momentos, os rituais demonstram a participação ativa e subjetiva, através dos sentimentos e gestos expressos nas danças, nos cantos, na musicalidade, na coreografia, na culinária (polenta, macarrão, salame, queijo, fortaia) ou nos trajes típicos, que retratam determinada época ou lugar da Itália. As senhoras catando canções italianas são destaque especial, inclusive nos casamentos. Os

descendentes desta etnia procuram, através destas práticas, manter vivas tradições e valores culturais como forma de preservar a memória.

Embora o cenário imigratório local seja fortemente marcado por levas de italianos e alemães, é importante despertar nosso olhar para outros grupos que aqui se instalaram, também criando vínculos e despertando valores e práticas culturais. Segundo Barreto (1983), os imigrantes poloneses, no decorrer de um longo e intenso processo imigratório, foram se acomodando em diversos núcleos no estado de Santa Catarina, mais especificamente no Alto Vale do Rio Tijucas, na Colônia Trento e também na região Oeste Catarinense.

Atualmente existe em Chapecó a BRASPOL⁶, entidade que tem como finalidade dar visibilidade às práticas culturais e costumes poloneses, destacando que “[...] o povo polonês é um povo de muita fé, muito ligado à religião, tendo como guia o cristianismo. Também a culinária polonesa é bastante diversificada, é uma coisa totalmente diferente da culinária brasileira” (Representante da BRASPOL).

De fato, se nos atentarmos para a culinária polonesa, iremos constatar que é bastante singular se comparada aos pratos usualmente consumidos por boa parte da população local, predominantemente originários da cultura cabocla, italiana e alemã:

Temos, portanto, a *Czrina* que é um brodo feito de pato, o *Pierogi*, que traduzido em português é o pastel de ricota ou requeijão. Temos também o *F’rock*, que é um prato bem típico que dá pra fazer frito ou assado. Temos o *Bigos*, que é um refogado de repolho, *Chucrut*, lombinho e outras variedades. Além desses, temos também o *Pa’czki* que é, um sonho polonês. Ele é diferente dos sonhos que se encontram nas padarias, a massa é totalmente caseira [Representante da BRASPOL].

Chamou-nos também a atenção um dos rituais por eles praticados, denominado “cerimonial da partilha” ou “*Oplatek* de final de ano”:

Este ritual é uma forma de agradecimento, de partilha com aqueles que não tem alimento. Neste ato, a gente pega o pão, como se fosse hóstia, mas não consagrada. Este pão é quebrado em pedaços e dividido como um ato de solidariedade, agradecimento e gratidão. [Representante da BRASPOL]

Tanto quanto os demais, o patrimônio cultural da etnia polonesa mescla-se em representações materiais e imateriais, possibilitando perceber a existência de rituais e expressões contidos nas cores, na comida, no jeito de dançar, no culto à bandeira. Assim, as particularidades de cada grupo, que evidenciam hábitos e valores próprios, são marcas que caracterizam um povo com seu jeito de ser, de viver e de representar-se diante de tantas outras culturas que permeia o nosso espaço social.

Passamos a identificar que às culturas de origem européia somam-se hábitos e tradições, já que no Oeste Catarinense também há núcleos formados por descendentes desta etnia. Contam-nos que em Chapecó foram criados a “*Sociedade Cultural Alemã Eintracht*”⁷⁷ e o grupo de danças folclóricas “*Eintracht Volkstanegruppe Aus Chapecó*” ou “União de Chapecó”, para que a memória da etnia alemã também se reconstrua através da dança, revelando os firmes passos dos dançarinos, mergulhados em vestimentas típicas. Ao criar coreografias típicas, as danças tornam mais visível esta cultura, valorizando-a, pois no município de Chapecó não se faz tão presentes como em outros da região.

Como o saber também se revela na culinária, os pratos típicos alemães mais citados pelo nosso entrevistado foram os doces (especialmente as cucas), o chucrut, o Joelho de Porco, a lingüiça. Novamente, percebo que a dança, o canto, a comida, são as marcas mais fortes que expressam a identidade cultural representativa de determinada coletividade.

São os trajes típicos usados nas festas, que mais uma vez retratam épocas e locais, e as conversas na língua de origem, que auxiliam na manutenção de elos emocionais com o país tão

fisicamente distante, reconstruindo a memória que, para PIERRE NORA (1988);

[...] é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, [...] está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos e todos os usos e manipulações, suscetível a longas latências e de repentinas revitalizações [...] (NORA, 1988 p. 9).

Tais palavras-nos provocam para a compreensão das práticas e saberes culturais populares que se estabelecem no decorrer dos tempos como algo que suplanta a sua forma genuína, mostrando-se dialéticos, por serem mutáveis. Em meio a tantas transformações de costumes, modos de viver e de ser, entre homens e mulheres de diferentes espaços e culturas, são evidenciados pluralidade e particularidade de um mosaico rico pela diversidade, mas também revelador de conflitos sociais, que tanto marcaram (e marcam) a história deste pedaço de chão. Numa realidade onde nem sempre as diferenças são reconhecidas e devidamente respeitadas, destacamos os descendentes de índios e caboclos.

Marcas nativas: representações culturais de índios e caboclos

Ao andar pelas ruas de Chapecó encontramos índios kaingang e guaranis comercializando cestarias e adornos feitos com diferentes tipos de sementes. Já nas aldeias em que residem, as práticas culturais são ligadas à religião e à natureza, cultivando valores e costumes muito diferentes e nem sempre aceitos por parte dos moradores da cidade, principalmente pelos descendentes de imigrantes europeus.

Identificamos que um dos principais elementos legitimadores da identidade indígena é o uso da língua materna, que desde cedo é ensinada pelos pais, conforme me ensina um integrante da tribo kaingang. Além da língua, diz que também são valorizados os rituais como forma de manter tradições, fortemente repassadas de geração para geração. Dentre tais saberes e rituais, destaca-se o casamento,

a cura pelas ervas (feita pelo cuiã do grupo) e a extração de matéria-prima (diretamente da natureza) para a produção do artesanato:

Hoje nós, praticamente setenta por cento da tribo da nossa aldeia, eles trabalham com o artesanato e também com a agricultura. Nós precisamos plantá feijão, mandioca, arroz... Nós preservamo a natureza, porque sem a natureza não tem como fazê o artesanato. Usamo a natureza pra fazê o artesanato, dela nós tiramo a taquara, o cipó e também a palha. Então com isso a gente faz o artesanato. Quando nós vamo no mato, nós tiramo da natureza. Também quando nós vamo no mato, nós temo que ver a lua, quando ela está bem novinha a gente tira o material. Eu aprendi isso desde pequeno [(SIC) Representante dos índios].

As palavras revelam o quanto importa, para a cultura indígena, extrair da natureza aquilo que se torna ingrediente essencial para a produção do artesanato, enriquecido pelo saber fazer no modo de extrair a madeira, o cipó ou a palha, ou na forma de confeccionar os produtos que são comercializados, despertando a imaterialidade de um ritual. Também são destacados a culinária, as danças e outros rituais:

Temo as dança, as comida típica, que são comida de nosso antepassado. Isso a gente tira do mato. Essas comida são folha, algumas são raíz e outras são tirada de dentro da madeira. Essas são comida típica. Também tem as bebida que é feita de suco natural e raíz, misturado com milho [(SIC) Representante dos índios].

Percebo que dentre as etnias até então retratadas, a indígena é a que representa a existência de ritos e cerimoniais em que predomina a relação direta com a natureza que, segundo o entrevistado, é considerada sagrada, já que oferta o necessário para produzir, comer ou beber.

Mantendo laços com a cultura indígena, a cultura cabocla também se manifesta fortemente na região oeste, retratando a construção de diferentes valores na sociedade local. Ao estudar a reconhecida antropóloga local Arlene Renk, aprendemos que a etnia cabocla tem a sua representação evidenciada no processo de extração

da erva-mate, cuja trajetória é marcante ao retratar a história regional. Ela destaca que a luta da erva tem sido apontada como o único ofício na escala de atividades, voltada exclusivamente aos caboclos (Renk, 1997). Tal constatação remete à percepção de que alguns ofícios vão sendo elaborados e caracterizados como próprios a determinado grupo étnico, como é o caso da relação entre caboclos e extração da erva-mate, na região oeste Catarinense.

Para além desta manifestação, os caboclos também foram estabelecendo relações e construindo identidade através de valores, costumes, hábitos e práticas culturais que até os dias de hoje fazem parte do cotidiano da cidade. São as festas, a culinária e a religiosidade que demonstram a riqueza de imagens, representando momentos de nostalgia ou de exacerbação, especialmente nas rodas de viola, nas quais os tocadores, com seus violões e cantorias, despertam olhares e emoções.

Descubrimos que as festas são momentos de sociabilidade sendo a musicalidade um forte elemento da disseminação da cultura cabocla, evocada há muito tempo:

Nós temos na viola e no violão, uma tradição. O caboclo é também muito ligado à religiosidade, então, nós festejamos a festa de São Sebastião, que no ano passado (2005), foi feita a terceira festa. Esta é uma marca quando se fala em festas. Fizemos também a festa de São João e seguimos todos os anos fazendo essa festa. [Representante dos caboclos].

O entrevistado revela, ainda, que a religiosidade também se manifesta na importância do batismo, que os caboclos fazem questão que se realize em casa. O ritual busca dar continuidade a uma tradição de muitos anos, herdada por gerações. Há também a festa denominada “Mesada dos Inocentes”, que reúne crianças em volta de uma mesa farta, servida de carne de porco assada, arroz branco, canjica e quirera:

Os caboclos têm a festa que se chama “Mesada dos Inocentes”, onde a gente serve pra dez ou quinze inocentes. Isso é uma coisa que marca muito nós. Os antigos tinham essa festa. Aí

a gente dá a alimentação primeiro aos inocentes pra depois os adultos comer. Primeiros todos os inocentes [Representante dos caboclos].

Como as representações culturais de cada etnia são singulares, buscando identificar e estabelecer marcas e signos que as diferenciam, constato que na etnia cabocla a cultura também é representada pelo pilão de madeira, pelo manjolo, pelo engenho de cana. Como nas demais culturas, se hoje alguns instrumentos compõem imagens retidas na lembrança, anos atrás possibilitavam o fazer de tarefas rotineiras, a fim de garantir o sustento familiar e, acima de tudo, a reprodução social de povos e nações.

Reflexões Finais

Como já sinalizei anteriormente, o patrimônio cultural compreende um leque de saberes e expressões materiais e imateriais de determinado povo, sendo que a cultura se constitui através das diferentes relações de saberes, valores, crenças, modos de agir diante da coletividade. Enquanto interagem, culturas se sincretizam, originando novas formações mescladas por relações sociais cotidianas. Neste contexto, se manifesta a dificuldade das pessoas se identificarem, exclusivamente, como praticas de hábitos culturais que correspondem apenas aos seus antepassados, representando uma ou outra etnia.

Se tantas misturas criam novas formas de viver, também descaracterizam costumes e saberes, às vezes, milenares. O presente artigo teve, então, como finalidade, destacar particularidades dentro da diversidade, próprias do espaço citadino chapecoense, revelando grupos sociais emprenhados em perpetuar a riqueza das tradições.

A elaboração deste trabalho constituiu-se num desafio, pois identificar particularidades exigiu o despertar da sensibilidade para muitas manifestações étnicas. A descoberta de tantos esforços empreendidos para mantê-las vivas revelaram muitas sensações e conhecimentos: em relação à forma de conceber, às vestimentas, o

entoar das cantorias, as coreografias que integram as danças, o gosto especial de cada comida típica.

Se, na sua origem, a pesquisa de campo representava o interesse em identificar diferentes elementos culturais, a fim de expressá-los num artesanato tipicamente local, a maior descoberta talvez tenha sido sobre a complexidade do patrimônio cultural de Chapecó, tornando esta tarefa ainda mais difícil. Certamente novos estudos, associados ao design e produção artística, poderão expressar materialmente a transcendência da imaterialidade, presentes em tantos atos de ritualização.

Notas

* Graduado em História pela Unochapecó.

** Assistente Social e professora do curso de Serviço Social da Universidade Comunitária Regional de Chapecó (UNOCHAPECÓ), mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), coordenadora do projeto Criarte e pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa Trabalho, Sociologia e Políticas Públicas, da UNOCHAPECÓ.

¹ A ITCP-UNOCHAPECÓ constitui-se num programa permanente de extensão universitária, implantado em maio de 2003, que trabalha com a incubação e assessoria a empreendimentos de Economia Solidária, pautando-se na perspectiva do cooperativismo e autogestão.

² O projeto CRIARTE foi aprovado na primeira seleção pública social de projetos lançada em 2004, pelo Programa Petrobrás Fome Zero, quando foram disponibilizados R\$ 15 milhões, com investimento de até R\$ 500 mil por iniciativa. O prazo de execução de cada projeto era de um ano, havendo a possibilidade de renovação por mais 12 meses. Nesta seleção foram apresentados 5.884 projetos de todas as regiões do país, tendo sido selecionados 73. O financiamento do projeto CRIARTE foi de R\$ 80 mil e começou a ser executada em março de 2005.

³ Segundo Kolling, etimologicamente falando o termo modernidade vem do advérbio latino modo (recente, ou há pouco) de onde o adjetivo moderno significa (já presente). Assim, o substantivo abstrato modernidade, nós dá a entender que o tempo presente, o agora e o atual, é uma dignidade superior ao que é antigo. Deste modo, o traço básico da modernidade é o de julgar o passado a partir do presente.

⁴ A colônia Cella está localizada a uma distância aproximada de 15 km do centro da cidade de Chapecó, caracterizando-se como uma comunidade que concentra descendentes de italianos.

⁵ Todas as localidades citadas pelo entrevistado, constituem-se espaços onde habitam, predominantemente, descendentes de italianos.

⁶ A BRASPOL é uma entidade de âmbito nacional fundada em 1990, na cidade de Curitiba que representa a etnia polonesa no Brasil. A cidade de Chapecó possui um núcleo representativo da BRASPOL, juntamente com a etnia polonesa.

⁷ A "Sociedade Cultural Alemã Eintracht" foi fundada no dia 06 de março de 2000, na Comunidade São José Operário, do Bairro Passo dos Fortes (Chapecó), com a intencionalidade de representar a etnia alemã em eventos sociais e culturais.

Referências

- BARRETO, Maria T. S., *Poloneses em Santa Catarina: a colonização no alto vale do rio Tijucas*. Florianópolis: LUNARDELLI, 1983.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história de cultura*. São Paulo: BRASILIENSE, 1996.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 14. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: UNESP 2001.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural*. In: CHAGAS, Mário; ABREU, Regina (Orgs): *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- KOLLING, João Inácio. *Modernidade: uma nova interpretação do tempo*. 2 ed. Passo Fundo: Inst. De Filosofia Berthier LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro, 1988.
- MAGALDI, Cássia. *O Público e o Privado: propriedade e interesse cultural*. In: CUNHA, Maria C.P (org) *O direito a Memória: patrimônio histórico e cidadania*., São Paulo: DHP, 1992.
- PIAZZA, Walter F. *A Colonização Italiana em Santa Catarina*. Florianópolis: Governo do Estado, 1976.
- RENK, Arlene. *A luta da Erva: um ofício étnico no oeste catarinense*. Chapecó: GRIFOS, 1997.
- SOUZA FILHO, Carlos F.M. *Bens Culturais e Proteção Jurídica*. Rio de Janeiro: RENOVAR, 1997.

Abstract

Reflections about the Cultural Heritage in Chapecó started to appear through the project CRIARTE – Professional Handcraft work in Chapecó (SC), executed by ITCP-UNOCHAPECÓ and sponsored by Petrobrás Program Hunger Zero. The intention to generate income through handcraft work, revealed the necessity to study the local culture that shows itself so diverse, it portrays a compound mosaic by several ethnical groups that struggle to keep alive historical constructions which have been forgotten.

Keywords: cultural heritage, ethnical groups, handcraft.